

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-bioenergia/Biodiesel**

**Período de Análise: 01/08/2015 a 31/08/2015**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Índice

<b>AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL .....</b>	<b>4</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>4</b>
<b>Guarani projeta estocar mais etanol para entressafra. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 04/08/2015 .....</b>	<b>4</b>
<b>Com negócios imobiliários, usinas ampliam diversificação. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/08/2015 .....</b>	<b>4</b>
<b>Vendas de etanol hidratado continuam em expansão. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/08/2015 .....</b>	<b>6</b>
<b>Oferta de etanol já preocupa as usinas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/08/2015 .....</b>	<b>7</b>
<b>Usinas do NE substituem a cana por eucaliptos. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/08/2015 .....</b>	<b>8</b>
<b>Preço do etanol cai em 14 Estados na última semana. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/08/2015 .....</b>	<b>8</b>
<b>Escassez de recursos para usinas. Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 18/08/2015.....</b>	<b>8</b>
<b>Produção e venda de etanol hidratado crescem em Goiás – Valor Econômico, Agronegócios. 19/08/2015 .....</b>	<b>9</b>
<b>Consumo de etanol hidratado em julho bate recorde histórico – Valor Econômico, Agronegócios. 24/08/2015 .....</b>	<b>10</b>
<b>Ratings de crédito de usinas sob pressão. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/08/2015 .....</b>	<b>10</b>
<b>Etanol ajuda a reduzir importação de petróleo e alivia Petrobras. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém das Commodities. 27/08/2015 .....</b>	<b>12</b>
<b>FCStone reduz projeção para produção de açúcar no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2015 .....</b>	<b>13</b>
<b>BNDES aprova R\$ 2 bilhões para estocagem de etanol – Valor Econômico, Agronegócios. 31/08/2015 .....</b>	<b>14</b>
<b>POLÍTICA NACIONAL.....</b>	<b>14</b>
<b>ETANOL .....</b>	<b>14</b>
<b>A ciência e a odisseia do etanol. José Goldemberg – O Estado de São Paulo, Opinião. 17/08/2015.....</b>	<b>14</b>
<b>Governo de SP anuncia R\$ 3 milhões para indústria de base da cana – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2015 .....</b>	<b>16</b>
<b>NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>17</b>

**ETANOL ..... 17**  
**Alta do dólar incentiva exportação de etanol do país. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém das Commodities. 12/08/2015 ..... 17**

## AMBIENTE ESTRATÉGICO EMPRESARIAL

### ETANOL

#### **Guarani projeta estocar mais etanol para entressafra. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 04/08/2015**

A estratégia da sucroalcooleira Guarani para comercializar sua produção de etanol neste ciclo 2015/16 deve privilegiar a venda do produto na entressafra, segundo Jacyr Costa Filho, diretor para o Brasil do grupo controlador da Guarani, o francês Tereos. Na visão do executivo, que participou ontem do evento da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), em São Paulo, a combinação de preços deprimidos do biocombustível e de uma demanda forte neste ano pelo produto deve resultar em preços mais remuneradores na entressafra da cana, que começa em dezembro e vai até março de 2016.

Desde abril, os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, caíram 7% na usina de cana-de-açúcar em São Paulo, conforme indicador Cepea/Esalq. Por outro lado, de abril a junho, a demanda pelo biocombustível cresceu 50% no país, para 4,4 bilhões de litros, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP).

O represamento de recursos para financiar os estoques está entre as razões que explicam a expectativa de alta só na entressafra. Em junho, o governo anunciou que destinaria R\$ 2 bilhões para financiar os estoques. No entanto, até o momento, os recursos não foram liberados. "Se demorar, os preços vão continuar se retraindo, com grandes chances de melhorarem só na entressafra [dezembro a março]", previu. Em nota, o BNDES informou que esse programa "será, em breve, submetido à aprovação da diretoria" do banco.

Sobre a empresa, o executivo reiterou ao Valor que o aporte de R\$ 250 milhões programado para ser feito pela Petrobras na Guarani está mantido. "Não há nenhuma conversa que indique o contrário". O aporte faz parte de um contrato firmado em 2010 entre a Petrobras e a Tereos, por meio do qual a estatal se comprometeu a investir R\$ 1,6 bilhão para atingir 45,7% do capital da Guarani. Desde então, a estatal já aportou no negócio R\$ 1,554 bilhão, e o montante de R\$ 250 milhões é a última tranche desse contrato.

Costa Filho também afirmou que a moagem de cana das usinas da Guarani estão dentro do planejamento e que, até agora, as unidades processaram metade do total de 20 milhões de toneladas previsto para o ciclo 2015/16. "O volume de matéria-prima disponível é maior do que isso, mas não sabemos se teremos tempo hábil para processar tudo", afirmou. Ele observou ainda que, até o momento, a produtividade da cana colhida está em 87 toneladas por hectare e que o teor de açúcar (ATR) está em 126 quilos por tonelada.

---

#### **Com negócios imobiliários, usinas ampliam diversificação. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 07/08/2015**

Uma nova onda de diversificação começa a se incorporar à estratégia das usinas sucroalcooleiras paulistas. Algumas empresas que detêm terras próximas a zonas

urbanas de municípios do interior do Estado começaram a usar parte delas para aportes em empreendimentos residenciais e comerciais, normalmente com parceiros. E a aposta tem se mostrado promissora, já que, nessas áreas, o mercado imobiliário tem gerado melhor remuneração do que os canaviais.

A diversificação, aliás, está no "DNA" dessas agroindústrias, cujos principais produtos, açúcar e etanol, se caracterizam por apresentar elevados risco e volatilidade. Daí porque as "moedas" do segmento, já há algum tempo, serem colocadas também em outras "cestas" - cogeração de energia a partir de biomassa, leveduras de alta performance e subprodutos orgânicos. E há outras inovações em andamento, como o desenvolvimento de plásticos biodegradáveis e ceras a partir da cana-de-açúcar.

No setor imobiliário, duas companhias sucroalcooleiras aparentemente caminham a passos mais largos: o grupo São Martinho, que lançou três empreendimentos no último ano e já mapeou outras áreas para incrementar os negócios nessa frente, e o Grupo Balbo, que estreou no ramo há oito anos e, agora, prepara um plano estratégico para aproveitar novas oportunidades no médio e longo prazos.

No caso da São Martinho, cerca de 2 mil, ou quase 4% dos 52 mil hectares que a empresa detém, apresenta potencial para abrigar projetos imobiliários no longo prazo, conforme Fábio Venturelli, presidente da companhia. São áreas que geram 160 mil toneladas de cana, menos de 1% do total processado nas quatro usinas do grupo.

Apesar de ter uma dimensão pouco importante sob a ótica canavieira, essas áreas, quando incorporadas ao ramo imobiliário, trazem perspectivas de margens elevadas, a despeito dos valores absolutos relativamente pequenos. Foi de olho nessas margens que a São Martinho, que faturou R\$ 1,2 bilhão na safra 2014/15, lançou, com parceiros como a Alphaville, seus três empreendimentos urbanos no último ano - dois residenciais e um comercial -, que, juntos, ocuparam 180 hectares.

A venda desses loteamentos representa um valor presente líquido (VPL) de R\$ 110 milhões para a São Martinho. Na prática, é como se a empresa tivesse vendido cada hectare "imobiliário" por R\$ 610 mil, 12 vezes mais que o preço médio de suas terras - R\$ 50 mil por hectare, conforme avaliação feita em maio de 2014 pela Deloitte. "Somos 'terrenistas'. Essa é a nossa participação. Não vamos desenvolver competência na venda de lotes", esclareceu Venturelli.

Apostar nesse tipo de negócio é também uma alternativa das usinas para evitar, inclusive, a perda dessas áreas de cana, já praticamente urbanas, por erosão. "As cidades encostam nessas áreas e as tornam inviáveis para o cultivo", observa o presidente do Grupo Balbo, Clésio Balbo.

Quando a empresa, com sede em Sertãozinho, há oito anos lançou seu primeiro e único empreendimento imobiliário até o momento, o fez porque o entorno de um terreno que ela tinha doado há quase 20 anos para a construção de uma escola passou a abrigar também residências e estabelecimentos comerciais - e, logo, a área urbana que se desenvolveu ali passou a encostar em seus canaviais. "Estávamos 'segurando' a cidade".

Há dois anos, o grupo Balbo e seu parceiro imobiliário concluíram a venda dos lotes. O empresário afirma que o próximo projeto da empresa será lançado somente após a

conclusão do plano estratégico que está sendo costurado. "Esse mercado também oferece riscos. Agora, por exemplo, está mais retraído", diz.

O grupo é um bom exemplo de diversificação. Controlador da Native, de açúcar e álcool orgânicos, também tem uma parceria com a Usina da Pedra em uma planta-piloto para produzir plástico biodegradável a partir da cana. "Se fossem jogados no rio Tietê, esses plásticos se degradariam em seis meses", diz Balbo para explicar a diferença dos "concorrentes" renováveis.

E a empresa também está entre as que apostam na produção de cera a partir da cana e de leveduras de alto valor agregado. "O açúcar e o etanol já foram 100% da receita. Hoje não passam de 80%".

---

### **Vendas de etanol hidratado continuam em expansão. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 11/08/2015**

As vendas de etanol hidratado das usinas às distribuidoras de combustíveis que atuam no país voltaram a subir em julho e alcançaram o terceiro maior volume da história para o mês. Conforme dados divulgados ontem pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), foram comercializados 1,7 bilhão de litros do produto (mercados interno e externo), 50% acima do registrado em igual mês do ano passado e 6% mais que em junho deste ano.

O maior volume de etanol hidratado já vendido em um mês de julho foi em 2009 (1,883 bilhão de litros), seguido por julho de 2010 (1,714 bilhão de litros), conforme levantamento feito pela Unica.

Essas vendas aquecidas são reflexo do comportamento da demanda na ponta da cadeia - ou seja, nos postos de combustíveis. De abril a julho, o volume acumulado vendido às distribuidoras chegou a 6,2 bilhões de litros, 43% mais que em igual intervalo do ano passado.

Essa maior demanda, por sua vez, espelha os preços mais competitivos do etanol hidratado frente à gasolina. Essa vantagem prevalece em seis Estados, entre os quais, os principais produtores do biocombustível, tais como São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Essa vantagem econômica existe quando o preço do hidratado equivale a menos de 70% do preço médio da gasolina.

Conforme dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgados também ontem, entre 2 e 8 de agosto essa relação ficou estável no Paraná (65%), Minas Gerais (64%) e em São Paulo (61%). Nos outros três Estados onde a paridade é vantajosa ao etanol, houve alterações. Em Mato Grosso, a vantagem aumentou, com a paridade indo de 59% para 58%. Em Mato Grosso do Sul, a vantagem diminuiu, de 68% para 69%. Em Goiás, foi de 69% para 64%.

Apesar da demanda mais forte, os preços do hidratado continuam se retraindo, em virtude da necessidade de algumas usinas de fazerem caixa. Em julho, o indicador Cepea/Esalq acumulou retração de 0,8%. Desde abril, o indicador registra queda de 6,9%.

Conforme especialistas, a combinação de preço em queda e demanda em alta tende a puxar os preços do biocombustível para cima nos próximos meses, quando a oferta do produto deverá ficar mais restrita. Ontem, a Unica divulgou que a moagem de cana até 1º de agosto ainda está abaixo do registrado em igual intervalo de 2014/15.

---

**Oferta de etanol já preocupa as usinas. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 14/08/2015**

O ritmo da moagem de cana no Centro-Sul do país do início da safra atual (2015/16), em abril, até 1º de agosto preocupa as usinas sucroalcooleiras que operam na região. Isso por causa do etanol, cuja demanda doméstica está em forte expansão há meses. Dada a necessidade de algumas empresas de fazer caixa, a oferta até agora também tem sido elevada, o que tem colaborado para a queda dos preços que recebem.

Nesse sentido, especialistas acreditam que um "choque altista" de preços do etanol inevitavelmente vai acontecer, até para conter a demanda e equilibrá-la melhor à oferta. Os grupos mais capitalizados têm sinalizado que vão estocar o produto, de olho nas oportunidades de preço que se desenham mais à frente.

Apesar da elevada oferta de cana no campo - estima-se no mercado que haja até 630 milhões de toneladas disponíveis -, a moagem efetiva não deverá chegar a tanto. Assim, na visão de especialistas, não haverá etanol suficiente para sustentar o elevado consumo mensal atual.

Em julho, o volume de vendas de hidratado das usinas do Centro-Sul às distribuidoras foi o terceiro maior da história para o mês: 1,7 bilhão de litros, 49,7% mais que em julho de 2014. No primeiro semestre, o consumo de hidratado no país atingiu 8,3 bilhões de litros, 38% acima de igual período do ano passado.

Assim, reforçam traders, a partir de agosto os volumes mensais terão que recuar para se equilibrarem à oferta projetada. Considerando-se uma moagem de cana efetiva no Centro-Sul de 590 milhões de toneladas, haveria etanol hidratado para um consumo mensal de agosto até abril do ano que vem de 1,3 bilhão de litros por mês.

Mas esses mesmos traders acreditam que essa projeção de moagem (590 milhões de toneladas) já pode ser considerada otimista, diante dos últimos números da União da Indústria de Cana-de-Açúcar, divulgados nesta semana. Desde o início da safra 2015/16 até 1º de agosto, foram processadas pelas usinas do Centro-Sul, 279 milhões de toneladas de cana, o que significa que há chances de o número final da safra ficar próximo do patamar de 560 milhões de toneladas. Isso porque se considera que, até agosto, normalmente as usinas já processaram metade da cana que projetaram moer durante toda a temporada.

O atraso na moagem até 1º de agosto reflete as chuvas dos meses de maio e junho, que interromperam os trabalhos de colheitas de muitas usinas no Centro-Sul. Em julho, o tempo seco permitiu algum avanço, segundo algumas companhias, mas será necessário um clima muito favorável para que as usinas consigam alcançar 590 milhões de toneladas.

---

### **Usinas do NE substituem a cana por eucaliptos. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/08/2015**

Com metade de seus canaviais em terrenos de topografia acidentada, que não permitem a mecanização, usinas do Nordeste buscam novas vocações para esses terrenos. Estudos já indicaram algum potencial imobiliário ou turístico, e o mais recente aponta alguma viabilidade para o cultivo de sorgo, mas nos últimos anos a maior aposta tem sido a plantação de eucaliptos, destinados à produção de energia elétrica a partir da biomassa e também de móveis.

O projeto mais recente começou a ser implementado neste mês pela Usina Petribu, de Pernambuco. Serão 3 mil hectares, em terras próprias e de fornecedores, com foco na produção de energia. A meta da empresa é chegar a 18 mil hectares em seis anos. "Em vez de produzirmos energia nos seis meses da safra da cana, vamos gerar bioeletricidade durante todo o ano", conta Jorge Petribu.

A atividade na região teve início há três anos com o Grupo Carlos Lyra, que criou uma joint venture com a Duratex para a fabricação de móveis. Atualmente, são 4,5 mil hectares, mas o plano é alcançar 13,5 mil hectares até 2021.

---

### **Preço do etanol cai em 14 Estados na última semana. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/08/2015**

SÃO PAULO - Os preços do etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, caíram nos postos de 14 Estados entre 9 e 15 de agosto na comparação com a semana anterior, conforme dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP).

A maior desvalorização foi observada em Goiás, onde o preço médio do biocombustível ao motorista ficou 3,7% mais baixo, a R\$ 2,041 o litro. Em São Paulo, maior centro consumidor de combustíveis do país, o preço médio subiu 0,58% no período, para R\$ 1,902 o litro. Na usina em São Paulo, houve novo recuo do valor recebido pelas usinas. O indicador Cepea/Esalq para o hidratado recuou 0,4% na semana encerrada em 14 de agosto, para R\$ 1,1750 o litro.

Nos postos, a maior valorização foi observada no Amapá, onde o litro ficou, entre 9 e 15 de agosto, 1,81% mais caro que na semana imediatamente anterior, a R\$ 2,695.

Na semana passada, abastecer com etanol hidratado em vez de gasolina se manteve mais vantajoso em cinco Estados. Essa vantagem econômica existe quando o preço do hidratado equivale a menos de 70% do preço médio da gasolina. Entre 9 e 15 de agosto, essa relação ficou praticamente estável no Paraná (65%), Minas Gerais (64%), em Mato Grosso (58%) e em São Paulo (61%). Em Goiás houve alterações no período, com a paridade melhorando de 64% para 62%. Em Mato Grosso do Sul, onde até então essa relação vinha sendo vantajosa ao etanol, ficou na última semana muito próxima do ponto de indiferença (69,7%).

---

### **Escassez de recursos para usinas. Cristiano Zaia – Valor Econômico, Agronegócios. 18/08/2015**



As dificuldades de acesso a crédito rural não se limitam aos produtores de grão e fibras. No caso do setor sucroenergético, as linhas voltadas à estocagem de etanol e à renovação de canaviais sequeir foram disponibilizadas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aos bancos interessados em operar.

Somente para estocar o biocombustível, foram anunciados no Plano Safra R\$ 2 bilhões para produtores e usinas - recursos esses que se enquadram na modalidade de custeio agrícola, a juros de 8,3% ao ano. O diretor-técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), Antônio de Pádua Rodrigues, diz que esses recursos são essenciais para financiar estoques do produto, de forma a evitar que toda a oferta de etanol seja colocada no mercado no período de safra (de maio a dezembro).

"Com esse financiamento, as usinas podem segurar mais o etanol para vender durante a entressafra, que vai de janeiro a março", disse o diretor-técnico da Unica. Ele lembra que a expectativa era de que essa linha fosse disponibilizada em julho.

Conforme Jacyr Costa Filho, diretor para o Brasil do Grupo Tereos, que controla a sucroalcooleira Guarani, sempre há atraso na liberação dessas linhas de crédito ao setor, mas esse atraso nunca havia sido tão grande.

No caso da linha de renovação de canaviais, o diretor da Unica disse que as empresas do segmento estão plantando cana com recursos captados a taxas mais altas por causa da falta desse financiamento. O governo federal e o BNDES responderam que os recursos estarão disponíveis "em breve".

---

### **Produção e venda de etanol hidratado crescem em Goiás – Valor Econômico, Agronegócios. 19/08/2015**

SÃO PAULO - Análise feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq) mostra que, em julho deste ano, as usinas de cana-de-açúcar de Goiás venderam quase 25% mais etanol do que em julho de 2014, mas a demanda aquecida não vem se refletindo em preços mais remuneradores às usinas. Em igual comparação, os preços do etanol (hidratado), acumulam queda de quase 6%.

As vendas de hidratado aumentaram 37,6% em julho deste ano, na comparação com julho de 2014, ao passo que as de anidro diminuíram 2,7% em igual bases de comparação. Ao se olhar o desempenho de junho para julho, o volume de hidratado se elevou em 16% e o de anidro recuou 2,3%, conforme o Cepea.

O aumento das vendas do Estado é significativo, mas tem ficado atrás dos avanços registrados pela produção, na visão do centro. Conforme o Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás (Sifaeg), a expansão de oferta foi de 58% nos últimos quatro anos-safra: de 2,68 bilhões de litros na safra 2011/12 para 4,22 bilhões na última temporada.

O resultado é que os preços caem, e a pressão é acentuada ainda pela concentração das vendas das usinas do Estado nos meses de pico de colheita na região Centro-Sul (de julho a setembro).

Dados do Cepea mostram que, na safra 2014/15, por exemplo, o maior volume comercializado tanto de anidro como de hidratado goiano ocorreu em setembro. Considerando-se as efetivações realizadas tanto no spot quanto na modalidade de contrato, o hidratado é vendido principalmente no próprio estado e em São Paulo; o anidro, por sua vez, tem como grandes destinos o próprio estado e o Nordeste.

Conforme o Cepea, em julho, o anidro negociado dentro e para fora de Goiás teve média de R\$ 1,3354/litro (sem impostos e sem frete), queda de 5,58% em relação a julho do ano passado (valores deflacionados pelo IGP-M de base julho de 2015). O hidratado comercializado dentro do Estado se desvalorizou 7,5% no mesmo período, para R\$ 1,0647/l (sem impostos e sem frete). No caso do hidratado vendido para fora de Goiás, a média de julho/15, de R\$ 1,1679/l (sem impostos e sem frete), representou baixa de 5,78% no comparativo anual.

---

### **Consumo de etanol hidratado em julho bate recorde histórico – Valor Econômico, Agronegócios. 24/08/2015**

SÃO PAULO - Os dados mais recentes publicados pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), compilados e analisados pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), indicam que o consumo de etanol hidratado, que é usado diretamente no tanque dos veículos, bateu um recorde histórico no Brasil.

Em julho, o consumo atingiu 1,55 bilhão de litros, maior volume já registrado em toda a série histórica que começou em 2000 — ano em que as distribuidoras e a própria ANP iniciaram a divulgação destes dados. Conforme levantamento da Unica, o recorde anterior foi em dezembro de 2009, com 1,51 bilhão de litros de hidratado comercializados.

A tendência de crescimento nas vendas de etanol hidratado foi observada nas principais regiões de consumo do Brasil. No comparativo entre julho de 2015 e julho de 2014, todos os Estados em análise apresentaram alta, com destaque para Minas Gerais.

Apesar da demanda em alta, os preços seguem retraídos às usinas. O indicador Cepea/Esalq para o hidratado recuou 0,91%, para R\$ 1,1642 o litro, entre 17 e 21 de agosto, na comparação com a semana anterior. A queda reflete o movimento das usinas de ofertarem muito produto no mercado para fazer caixa.

---

### **Ratings de crédito de usinas sob pressão. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 27/08/2015**

Poucas usinas sucroalcooleiras conseguiram neste ano manter intactos seus ratings. Das cinco principais empresas do segmento avaliadas por agências de classificação de risco, somente duas, Raízen e Biosev, escaparam de rebaixamentos. As outras três - Tonon Bioenergia, Jalles Machado e USJ - tiveram suas notas de crédito rebaixadas ao menos por uma agência, por ainda apresentarem "apertos" financeiros de curto prazo.

Os próximos meses ainda serão delicados para o segmento: o crédito continua escasso e os preços do açúcar, baixos. "O risco sistêmico está tão alto quanto em outubro do ano passado, quando a Fitch colocou as sucroalcooleiras em observação negativa", disse o

analista sênior da Fitch Ratings, Cláudio Miori. Segundo ele, ainda é de se esperar defaults de empresas da área. "A inflação está maior e o dólar valorizado aumentou a exposição cambial das que têm dívidas na moeda estrangeira".

Entre as três que tiveram sobressaltos neste ano, a goiana Jalles Machado foi a que conseguiu manter o melhor rating de crédito. A empresa sentiu um aperto de curto prazo e chegou a ser rebaixada pela Fitch neste ano. Mas a capitalização advinda da venda de 65% de uma de suas duas unidades de cogeração para a francesa Albioma e um bom desempenho operacional ampliaram a geração de caixa e proporcionaram algum alívio.

A Fitch rebaixou em abril o rating nacional de longo prazo da Jalles de A+(bra) para A-(bra). O rebaixamento, de dois degraus, levou em conta, conforme relatório da agência, que houve enfraquecimento do perfil financeiro e que a venda de 65% da cogeração reduziu o diferencial de negócios da empresa.

Mas no entendimento da agência Standard & Poor's (S&P), a Jalles vai continuar operando com elevado uso da capacidade instalada nas próximas safras, em função de seus adequados níveis de investimentos em canaviais e da sua "sólida eficiência operacional". Essa condição, afirmou a S&P, vai sustentar uma geração de fluxo de caixa livre positiva, com a qual a empresa tende a amortizar dívidas e reduzir sua concentração de débito no curto prazo. Dessa forma, em 18 de agosto a S&P reafirmou as notas de crédito atribuídas à Jalles Machado, de "BB-" na escala global e de "brA" na nacional.

Nos relatórios publicados pelas agências, ainda há uma visão de que persiste a alta seletividade de acesso ao crédito ao segmento e que empresas com maior risco de calote terão que vender ativos e registrar um desempenho operacional satisfatório para gerar caixa e reduzir dificuldades financeiras de curto prazo.

É o caso do tradicional grupo USJ, com sede em Araras (SP). No relatório que rebaixa os ratings do grupo de "B+" para "B" na escala global, a S&P observa que novos rebaixamentos poderão ser feitos em 90 dias (contados a partir de 6 de julho) caso a companhia não consiga vender terras para refinar sua dívida de curto prazo. Na avaliação da S&P, a USJ precisa levantar com a venda de fazendas ao menos R\$ 50 milhões para equacionar o aperto financeiro. Procurado, o grupo não comentou.

Em 26 de maio, a Fitch rebaixou em um degrau o IDR (Probabilidade de Inadimplência do Emissor) em moeda estrangeira e local da USJ para "CCC" de "B", o que significa que a empresa saiu de um risco de crédito "significativo" para uma possibilidade real de inadimplência. No relatório, a Fitch explicou que a decisão não se baseou numa mudança em relação aos já existentes problemas de liquidez do grupo. Mas ponderou que houve uma piora das condições macroeconômicas do país e também um aumento da inadimplência de outras companhias sucroalcooleiras.

Pesam ainda sobre a companhia as chamadas de capital para fazer frente aos investimentos na SJC Bioenergia, joint venture com a americana Cargill que está em fase de expansão em Goiás. Apenas neste ano, a empresa teve que colocar R\$ 24 milhões na SJC Bioenergia.

Foi num ambiente altamente contaminado pela entrada em recuperação judicial da Aralco e da recuperação extra-judicial dos grupos Virgolino de Oliveira e Ruette que a Tonon Bioenergia anunciou uma renegociação com seus bondholders no primeiro semestre deste ano. Com isso, a empresa, com três usinas de cana-de-açúcar no Centro-Sul, perdeu dois graus na classificação da S&P e "entrou" em risco de calote (Default Seletivo "SD"). Após o fim das negociações, que culminaram em condições de pagamento vantajosas e injeção de dinheiro novo na companhia, é que a S&P elevou o rating da companhia para "CCC-", um degrau acima do "risco de default".

Em 19 de agosto, a Fitch elevou IDR da Tonon para "CC". Antes, a agência havia rebaixado a nota da empresa para "RD" - que indica que o grupo deixou de efetuar alguns pagamentos dentro da carência, mas não de cumprir todas as obrigações. Apesar do "upgrade" pela Fitch a nota "CC" ainda ficou três degraus abaixo da nota "B" atribuída antes de 7 de abril deste ano. "A empresa ainda depende de rolagem de débitos e ainda enfrenta um ambiente operacional fraco, com preços retraídos de açúcar e etanol", alertou a Fitch em seu último relatório.

---

### **Etanol ajuda a reduzir importação de petróleo e alivia Petrobras. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém das Commodities. 27/08/2015**

Os gastos totais da Petrobras com importações caíram para US\$ 12 bilhões nos sete primeiros meses deste ano, 48% menos do que em igual período do ano passado, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

Queda nos preços do petróleo e a aceleração no consumo interno de etanol hidratado deram alívio às contas da empresa.

Em um período de dólar elevado, o que oneraria ainda mais a conta externa da Petrobras, o consumo de etanol hidratado atingiu recorde no país, somando 1,55 bilhão de litros no mês passado, conforme dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

A participação do etanol no consumo de combustíveis aumenta no país. Com a economia em desaceleração, o consumo total do chamado ciclo Otto (gasolina e etanol hidratado) deverá crescer muito pouco, ficando entre 0,5% e 1% neste ano.

O crescimento da oferta de etanol neste ano provoca uma redução na quantidade de gasolina utilizada no país. Com isso, ao contrário do que ocorreu no ano passado – quando as importações cresceram –, atualmente há um equilíbrio entre as compras externas e as exportações de gasolina pela Petrobras.

Antonio de Padua Rodrigues, diretor da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), diz que o avanço do consumo de etanol permite uma economia de 250 milhões de litros de gasolina do tipo A por mês.

Se a produção de etanol fosse maior, a economia de gasolina seria ainda mais acentuada, uma vez que há demanda para o derivado de cana, principalmente devido aos preços competitivos em relação aos da gasolina.

Pesquisa da Folha em 50 postos da cidade de São Paulo indica que o etanol vale 62% do preço da gasolina.

Em média, quando essa relação é de até 70%, é mais favorável ao consumidor a utilização do etanol.

A participação do etanol hidratado no consumo do ciclo Otto, que era de apenas 16,3% em julho do ano passado, esteve em 24,1% no mesmo período deste mês, segundo a Unica.

China A previsão de queda na demanda chinesa por soja fez o produto recuar na Bolsa de Chicago. O primeiro contrato foi negociado a US\$ 8,78 por bushel nesta quarta-feira (26), 1,85% menos do que no dia anterior.

Também em queda As demais commodities também acompanharam a soja e tiveram queda de preço nas negociações desta quarta (26). Trigo e milho recuaram 1%, enquanto o óleo de soja caiu 2,6% no dia.

---

### **FCStone reduz projeção para produção de açúcar no Centro-Sul. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 28/08/2015**

SÃO PAULO - A consultoria americana FCStone revisou para baixo sua estimativa de produção de açúcar para 2015/16 no Centro-Sul do país. A previsão agora é de uma produção de 31,3 milhões de toneladas da commodity, 2,5% abaixo das 32,1 milhões de toneladas projetadas em maio. Na comparação com a temporada anterior, a queda é de 2,2%.

Para a produção de etanol no Centro-Sul, a consultoria previu um volume de 26,8 bilhões de litros, aumento de 1,5% frente ao estimado em maio e de 2,3% em relação ao ciclo passado.

A produção de hidratado deve ser de 16,2 bilhões de litros, 1 bilhão a mais que o projetado em maio, e a de anidro, de 10,6 bilhões, 700 milhões de litros menor.

A consultoria projeta que a moagem de cana-de-açúcar será de 592,2 milhões de toneladas, 1,6% acima das 582,9 milhões de toneladas previstas em maio, e 3,6% maior que na safra 2014/15.

“Com chuvas acima do esperado em maio e julho, além daquelas que já haviam sido registradas em fevereiro e março, a expectativa de produtividade agrícola da maioria das usinas aumentou em relação às projeções feitas no primeiro semestre do ano”, explicou a consultoria, em relatório.

A FCStone considera, no entanto, que as condições meteorológicas propícias do primeiro semestre, somadas à redução na taxa de renovação dos canaviais, levou muitas áreas de cana a apresentarem taxas consideráveis de florescimento, contribuindo para a redução do teor de açúcar (ATR) médio projetado, que ficou em 132,5 quilos por tonelada, uma queda de 3% em relação à temporada passada.

Para o mix, a consultoria estima a divisão em 41,9% do caldo para fabricação de açúcar e 58,1% para o etanol — ante 42,7% e 57,3% do mix projetado em maio.

---

## **BNDES aprova R\$ 2 bilhões para estocagem de etanol – Valor Econômico, Agronegócios. 31/08/2015**

RIO - A diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) aprovou a reedição para o ano de 2015 do Programa BNDES de Apoio ao Setor Sucroalcooleiro (BNDES PASS), que realiza operações de financiamento à estocagem de etanol.

“Com essa iniciativa, o BNDES espera contribuir para a garantia do abastecimento de etanol ao longo da entressafra de cana-de-açúcar, que se inicia em dezembro”, diz a nota divulgada pelo banco de fomento, acrescentando que, se utilizado integralmente pelo setor, o BNDES PASS permitirá a estocagem de aproximadamente 1,4 bilhão de litros etanol.

Em relação ao BNDES PASS de 2014, foram mantidas a dotação orçamentária (R\$ 2 bilhões) e os valores de referência do etanol anidro e hidratado de R\$ 1,50 e R\$ 1,35, respectivamente, por litro. Os valores de referência são utilizados como base para que o etanol estocado sirva como garantia do financiamento.

Dentre as principais alterações da nova versão do programa, destaca-se a nova taxa de juros, composta de custo financeiro misto de 25% baseado em TJLP (Taxa de Juros de Longo Prazo) e 75% em referenciais de mercado, acrescido de 1,775% ao ano para o BNDES (1,375% no caso de médias, pequenas e micro empresas) e da remuneração da instituição financeira, a ser negociada livremente entre o cliente e o banco repassador do crédito.

O limite de financiamento será de R\$ 500 milhões, ou 20% da Receita Operacional Bruta (ROB) do último exercício fiscal do grupo econômico (o que for menor), sendo que serão permitidas somente solicitações de financiamento de pelo menos R\$ 10 milhões. Todas as operações serão realizadas apenas na modalidade indireta não automática, por meio da rede de bancos comerciais que operam com o BNDES.

---

## **POLÍTICA NACIONAL**

### **ETANOL**

#### **A ciência e a odisseia do etanol. José Goldemberg – O Estado de São Paulo, Opinião. 17/08/2015**

Só o homem primitivo, vivendo na floresta, poderia dar-se ao luxo de viver colhendo frutas nas árvores, pescando e caçando, como fazem ainda algumas tribos indígenas na Amazônia. Na vida moderna, não só os alimentos que comemos passam por uma complexa cadeia de preparações, como também as máquinas que usamos não são lanças e anzóis, mas complicados equipamentos, como geladeiras, televisões, automóveis e uma parafernália de outros produtos.

Para que funcionem são necessários eletricidade e combustíveis. Quase metade de toda a energia que a humanidade consome é usada em transporte e derivados de petróleo (gasolina e óleo diesel) são usados para isso.

Sucedem que petróleo é um produto fóssil, herança do passado, que se originou há centenas de milhões de anos a partir de produtos orgânicos como florestas e vida marinha. Só existe em quantidades finitas e apenas em alguns países. Fatalmente, acabaremos por esgotar essa herança e daí a necessidade de procurar substitutos para a gasolina e o óleo diesel, o que a ciência moderna está fazendo com sucesso.

Um dos países em que isso está ocorrendo, hoje, é o Brasil, onde a cana-de-açúcar cresce bem e da qual se pode produzir álcool (etanol), que é um excelente substituto da gasolina. Álcool de cana é produzido no País - e usado como bebida - desde que os portugueses aqui chegaram, há mais de 500 anos. Produzi-lo em grandes quantidades e a um custo que lhe permita competir com a gasolina é outra coisa, mas conseguimos fazê-lo e assumir a liderança mundial nessa área nas últimas décadas.

O etanol é renovável porque cana é um produto agrícola que cresce todos os anos e não é poluente como a gasolina. É como se fosse energia solar transformada num líquido.

Os Estados Unidos, com todo o seu poder econômico e tecnológico, tentaram repetir o sucesso do Brasil nessa área, nos últimos anos, usando milho como matéria-prima (já que cana-de-açúcar não cresce bem em seu território), mas não tiveram grande sucesso.

Qual é, pois, a odisséia do etanol? Isto é, quais são as aventuras e peripécias que ele atravessou, que lembram a lenda clássica sobre as viagens de Ulisses, o herói grego, que duraram dez anos?

A primeira parte da odisséia diz respeito às políticas equivocadas adotadas pelo governo federal nessa área desde 2008. A partir desse ano, a área econômica do governo “congelou” o preço de venda da gasolina no País como um dos instrumentos usados para combater a inflação, com resultados desastrosos para a Petrobrás. Até então, a produção de etanol havia atingido cerca de 25 bilhões de litros por ano no Brasil. E parecia capaz de se expandir, não só nacionalmente, como em vários outros países que são grandes produtores de cana-de-açúcar, na América Central, na África do Sul e na Índia. Poderia tornar-se um produto que seria exportado para a Europa e os Estados Unidos, onde sua produção é mais cara.

Como resultado, a Petrobrás viu-se forçada a importar gasolina a preços internacionais e vendê-la a um preço mais baixo no País, o que causou prejuízos de muitas dezenas de bilhões de reais para a empresa. Uma vítima colateral dessa política foi o etanol, cujo preço é indexado ao da gasolina.

O governo pode controlar o preço da gasolina, mas não consegue evitar o aumento de outros custos, nem a inflação, e com isso tornou inviável a expansão da produção de etanol. Das 450 usinas existentes, cerca de 100 delas enfrentaram sérios problemas e muitas faliram. Em retrospecto, o comportamento do governo nessa questão parece incompreensível e fruto de idiosincrasias pessoais e ideológicas de algumas das autoridades federais envolvidas.

Em suma, o que nos anos iniciais do governo Lula parecia ser um dos carros-chefes do desenvolvimento nacional - a produção de um combustível limpo e que contribuiria para a sustentabilidade do planeta, além de gerar mais de 1 milhão de empregos diretos - teve de lutar duramente para sobreviver.

A segunda parte da odisseia são as barreiras alfandegárias e não alfandegárias que os países da Europa introduziram para evitar que o Brasil conquistasse o seu mercado de etanol. As barreiras não alfandegárias baseiam-se em argumentos que envolvem cientistas e provocaram grandes controvérsias, tais como:

A expansão da produção de etanol no Brasil é, de fato, uma das causas do desmatamento na Amazônia?

A produção de cana reduz a produção de alimentos e contribui para aumentar a fome no mundo?

Substituir gasolina por etanol reduz realmente a emissão de gases que provocam o aquecimento global?

Para esclarecer essas questões a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), preparou um estudo envolvendo 137 especialistas de 29 países e 82 instituições científicas, que prepararam um relatório de quase 800 páginas esclarecendo cada uma dessas questões.

O relatório é intitulado Bioenergia e Sustentabilidade e tem sido apresentado em conferências internacionais em vários países (inclusive no Banco Mundial). Esse documento deverá tornar-se a obra de referência mais atualizada nessa área e provavelmente terá papel importante em esclarecer e eliminar as barreiras não alfandegárias que têm sido levantadas contra o programa do etanol brasileiro.

A odisseia do etanol está, portanto, ao que parece, atingindo um fim com boas possibilidades de recuperação. O trabalho dos cientistas que prepararam o relatório da Fapesp é uma importante contribuição para que isso ocorra.

*\* PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, FOI SECRETÁRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA*

---

### **Governo de SP anuncia R\$ 3 milhões para indústria de base da cana – Valor Econômico, Agronegócios. 25/08/2015**

SÃO PAULO - O vice-governador de São Paulo, Márcio França, anunciou hoje em Sertãozinho (SP), na abertura da 23ª Fenasucro & Agrocana, que o governo destinará cerca R\$ 3 milhões para a segunda etapa do projeto de suporte tecnológico das empresas do Aglomerado Produtivo de Metal-Mecânico de Sertãozinho e Região. A região é um importante polo sucroalcooleiro do país e concentra a maior parte das indústrias de base voltadas para esse setor.

A medida, que integra o Programa de Fortalecimento da Competitividade das Empresas localizadas em APLs (Arranjos Produtivos do Estado de São Paulo), possui financiamento do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) em conjunto com a SDECTI (Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo), Sebrae-SP (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado) e Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).



Por meio do BID e da SDECTI serão investidos R\$ 870 mil para a aquisição de máquinas e equipamentos, além de R\$ 2,280 milhões, por meio do Centro Paula Souza, para a estruturação do Laboratório de Ensaios de Corrosão na Fatec/Sertãozinho, adequação da infraestrutura, recursos humanos, despesas operacionais e aquisição de aparelhos e equipamentos.

Conforme o vice-governador, o Estado de São Paulo responde por 72% do volume de pesquisas realizadas no Brasil e por 75% de toda produção industrial nacional.

Na visão do secretário de Agricultura de São Paulo, Arnaldo Jardim, também presente na abertura da Fenasucro, a atualização do setor por meio do “retrofit” alavancará a cogeração de energia no país.

Conforme os organizadores, a feira deste ano está reunindo mil marcas e tem expectativa de receber mais de 30 mil pessoas, vindas do Brasil e de outros 30 países como África do Sul, Argentina, Bolívia, Colômbia, Cuba, Honduras, Nicarágua, Paraguai e Peru.

---

## **NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS**

### **ETANOL**

#### **Alta do dólar incentiva exportação de etanol do país. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Vaivém das Commodities. 12/08/2015**

As exportações de etanol se mantêm em patamares elevados nesta primeira semana de mês. O volume repete o de julho e fica em 9 milhões de litros por dia útil.

Ao registrar esse volume, as vendas externas do combustível têm boa evolução em relação aos 3,7 milhões de litros por dia útil em agosto do ano passado, conforme dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

As exportações de julho apontaram uma forte reversão do movimento de baixa que vinha ocorrendo desde o início da safra, segundo Julio Maria Borges, sócio-diretor da JOB Economia e Planejamento.

Essa evolução das exportações mostra que o setor incorporou os efeitos positivos da desvalorização cambial.

"O nosso etanol, seja ele para uso como combustível ou para outros fins, ficou barato em dólares, o que estimulou as exportações."

Borges destaca que o preço médio da exportação de etanol no período de abril a julho de 2014 foi de US\$ 673 por metro cúbico. O dólar médio foi de R\$ 2,33 naquele período.

Já nos meses de abril a julho deste ano, o preço do etanol exportado foi menor, ficando em US\$ 489 por metro cúbico. Nesse mesmo período, o dólar médio foi de R\$ 3,10.

Borges destaca, ainda, que em reais não houve variação relevante nos preços de exportação.

Neste início de agosto, o etanol exportado foi negociado a US\$ 445 por metro cúbico, bem inferior dos US\$ 632 do mesmo mês do ano passado.

Apesar da queda nos preços, as receitas devem atingir US\$ 84 milhões neste mês, acima dos US\$ 78 milhões de agosto de 2014.

\*

#### *Safra de grãos atinge recorde de 209 milhões de toneladas*

O mais recente levantamento de safra da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) aponta uma safra de 298,8 milhões de toneladas de grãos em 2014/15. Esse volume supera em 15,2 milhões o de igual período anterior.

A safra foi impulsionada pela produção de milho safrinha, que deverá atingir 54 milhões de toneladas, acima dos 48,4 milhões de 2013/14.

A produção total de milho do país, incluindo a safra verão, somou 84,3 milhões de toneladas, 5% mais do que a anterior, segundo a Conab.

A safra de soja, principal produto da pauta brasileira de produção e de exportação, deverá subir para 96,2 milhões de toneladas, 10 milhões mais do que no ano anterior.

Apesar de perder o posto de maior produtor de milho, a região Sul mantém a liderança em produtividade.

A média foi de 6.610 quilos por hectare, acima dos 6.024 do Centro-Oeste, a segunda melhor no ranking.

Quando se trata de soja, a produtividade das duas regiões são semelhantes, atingindo 3.067 quilos por hectare.

**Coordenador**  
Sergio Leite

**Pesquisadores**

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,  
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,  
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,  
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,  
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

**Assistentes de Pesquisa**  
José Renato S. Porto

**Secretária**  
Diva de Faria

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**cpda** **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**  
**em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**  
**UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa